

# **Uma nova comunidade verbal para Hofstadter:**

Uma hipótese comportamental do fenômeno do Anti-intelectualismo na obra Anti-Intelectualismo na Vida Americana (1966) de Richard Hofstadter

Arthur Luiz Novaes Resende  
Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo - 2024

**Uma nova comunidade verbal para Hofstadter:**

Uma hipótese comportamental do fenômeno do Anti-intelectualismo na obra Anti-Intelectualismo na Vida Americana (1966) de Richard Hofstadter

Arthur Luiz Novaes Resende  
Professor Luiz Felipe Monteiro da Cruz

Trabalho de Conclusão de Curso  
como exigência parcial para a graduação no Curso de Psicologia  
sob orientação Prof. Luiz Felipe Monteiro da Cruz

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo – 2024

## SUMARIO

Resumo.....	4
Introdução.....	5
Objetivo.....	10
Método.....	11
Resultados.....	17
Conclusão.....	25
Notas de roda pé.....	28
Referências.....	31

## RESUMO

A presente pesquisa busca, através da análise de um material não experimental e externo à Análise do comportamento, expandir as concepções de um fenômeno descrito tanto por behavioristas, como por outras áreas do conhecimento, o Anti-intelectualismo. A obra *Anti-Intelectualismo na Vida Americana* (1966) de Richard Hofstadter, descreve uma visão do autor sobre o fenômeno do Anti-intelectualismo, tendo como recorte a década de 50 nos Estados Unidos. Na última década, este mesmo termo (Anti-intelectualismo) tem sido vinculado a movimentos de extrema direita, mais especificamente a uma ascensão do fascismo. Skinner e outros autores da análise do comportamento nomearam alguns comportamentos como sendo anti-intelectualistas, descrevendo-os como formas de contra controle. Este trabalho, busca identificar na produção de Richard Hofstadter (1966), elementos que auxiliem na construção uma perspectiva sobre o fenômeno do Anti-intelectualismo, através da ótica da análise do comportamento. Para tanto, o trabalho analisou trechos do primeiro capítulo da obra *Anti-Intelectualismo na Vida Americana* (1966), categorizando os trechos considerando elementos do tríplice contingências e das relações de contingências antagônicas propostas por Ullman (2006).

**PALAVRAS CHAVES:** Anti-intelectualismo, Análise do comportamento, Hofstadter, Análise funcional, Cultura

## INTRODUÇÃO

A análise do comportamento (AC), como comenta Todorov (1982), não é apenas o produto do trabalho realizado dentro dos laboratórios. A análise experimental é uma das fontes de material que analistas do comportamento podem utilizar como recurso para realizarem seu trabalho. Contudo, existem outras formas de observação do comportamento que também compreendem valiosos aspectos de análise. Ainda de acordo com Todorov (1982): “Mais da metade dos escritos de Skinner refere-se a análises funcionais não-experimentais”. Dentro dessas análises Skinner manteve um foco na busca por uma compreensão dos fenômenos culturais, a partir dos conceitos descritos pela sua ciência. Essa perspectiva pode ser observada em obras como *Science and human behavior* (Skinner, 1953), *Beyond freedom and dignity* (Skinner, 1971) e *Reflections on behaviorism and society* (Skinner, 1978). Contudo, a abertura a diferentes formas de observação do comportamento é crucial quando estamos tratando de questões culturais, já que se faz necessário acessar materiais já produzidos por outras áreas do conhecimento. Nas palavras de Zilio e Gonçalves (2022): “O interesse de analistas do comportamento por questões sociais e culturais torna incontornável a necessidade de dialogar com outras áreas do conhecimento, a exemplo da Psicologia Social, Sociologia e Antropologia.” Recentemente autores como Araújo, Melo e Haydu (2016), analisaram o código penal brasileiro, tendo as leis ali elaboradas como descrições de comportamento esperados pelos membros de uma comunidade. Outro exemplo, também no Brasil, é o trabalho de Almeida (2009) que buscou, através das leis básicas do sistema de saúde, elaborar uma análise cultural dos aspectos provenientes do SUS. Obras literárias de outras áreas do conhecimento também se apresentam como valiosas fontes de informação, especialmente considerando a necessidade de diálogo levantada por Zilio e Gonçalves (2022). Guerin (1992) analisou o livro de psicologia social: “*Assumptions of social psychology: A reexamination*”, considerando seus apontamentos sobre Behaviorismo como valiosos para entender a origem de ambas as abordagens. Estes exemplos demonstram a existência de análises pautadas sobre os mais diferentes tipos de materiais.

Essas possíveis articulações são vistas em campos que não necessariamente foram apresentados por Zilio e Gonçalves (2022). Branch (1984) já realizava comparações e aproximações da AC com a farmacologia. Existem precedentes para o estudo de termos e conceitos da AC em trabalhos de outras áreas. Por isso mesmo, propor a análise de um material produzido por um historiador condiz com as demais produções dentro desta área do conhecimento.

O livro *Anti-Intelectualismo na Vida Americana*, escrito pelo autor Richard Hofstadter (1966), foi publicado em 1963 nos Estados Unidos da América (EUA) e ganhou o prêmio geral do Pulitzer de não ficção de 1964. O termo Anti-intelectualismo, mesmo sendo autoexplicativo quando revela um antagonismo, carece de contextos que explicitem as características dos intelectuais. Tive o primeiro contato com esse termo na obra: “Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”” de Stanley, J. (2018), onde o autor enfatiza que o Anti-intelectualismo e as atitudes que podem ser caracterizadas pelo termo são fatores que auxiliam a compreender e identificar um

governo fascista. No caso de Stanley (2018), a obra caracteriza o intelecto e o intelectual enquanto figuras de conhecimento. Detentores de saber ou de informações. A oposição que o livro apresenta descreve o anti-intelectual como sendo antagonista às análises científicas e especialmente ao método científico. Buscando outros contextos que explicitasse o tema, me deparei com a obra que o presente trabalho visa discutir.

Hofstadter (1916-1970) foi um historiador americano da década de 50 que foi atrelado a perspectiva da “*Consensus history*” (História do consenso), um estilo de historiografia pautado no excepcionalíssimo americano, nos valores americanos e por muitas vezes o afastamento das questões de conflito de classe (Higham, 1989). Contudo, outros autores, como Geary (2009), apontam Hofstadter como um dos precursores das futuras críticas à cultura hegemônica liberal capitalista, estabelecida no contexto da história dos EUA. Riesman (1963) comentou que a obra de Hofstadter não seria um levantamento histórico completo sobre o Anti-intelectualismo, mas uma coletânea de ensaios sobre este. Contudo, um tema trespassa esses ensaios e serve de plano de fundo para as análises do autor, sendo ele: a educação pública americana. Um dos eventos chaves do texto é a análise da massiva entrada de filhos de imigrantes no sistema de educação público, ao final de 1910, e a forma como estes jovens foram recebidos. Hofstadter aponta como não houve qualquer preparo e adaptação de currículo que visasse a permanência e o interesse destes novos estudantes pelas aulas ministradas. A análise desta situação se elabora em meio à apresentação de formas distintas de Anti-intelectualismo que se relacionam, produzindo o fenômeno mais amplo compreendido pelo termo. Nas palavras de Riesman (1963): “O seu esforço (Hofstadter) é compreender não só as funções sociais e psicológicas servidas pelo Anti-intelectualismo, bem como as funções políticas mais óbvias, mas também avaliar com alguma simpatia os seus ingredientes populistas. (p. 1039)<sup>1</sup>

O contexto da publicação do livro era o auge da guerra fria, John Fitzgerald Kennedy acabara de virar o trigésimo quinto presidente dos EUA em 1961, mesmo ano que o país rompeu relações com a ilha de Cuba. Internamente, os EUA viviam uma crise social, já que as antigas medidas de segregação social estavam sendo questionadas. Foi em 1963 que Martin Luther King Jr. fez seu famoso discurso de: “Eu tenho um sonho...”, mais tarde neste mesmo ano o presidente Kennedy seria assassinado. A obra de Hofstadter buscava apontar elementos que teriam alterado a perspectiva do intelecto (ou do ser intelectual) na sociedade dos EUA. Para tanto, o texto faz uma análise sobre a democratização do acesso à educação, e como essa mudança alterou sua a forma de se educar e a seu próprio propósito para com a sociedade (Hofstadter, 1966).

Dentro das temáticas sobre educação, a obra Anti-Intelectualismo na Vida Americana, apresenta um fenômeno já descrito pela AC, também na perspectiva de ensino. O Anti-Intelectualismo (AI) foi um termo utilizado por Skinner em seu livro Tecnologia do Ensino (1972). O autor considera o termo como uma forma de contracontrole realizada pelos estudantes em relação aos seus professores. De Sá (2016) traz uma breve definição do conceito de contracontrole, pautado nas obras de Holland e Skinner:

“O contracontrole social recebeu, na esteira das concepções de Skinner e de Holland, a seguinte definição: qualquer classe de respostas emitidas por indivíduos (isolados ou em grupo) que tenham o efeito de prevenir, eliminar ou atenuar as consequências aversivas e/ou exploratórias (a curto, médio ou longo prazo) produzidas para tais indivíduos por qualquer dada instância de controle

social institucionalizada (legal ou consuetudinariamente) ou em vias de institucionalização.” (p.55-56)

O termo aparece em diversas produções da AC, e busca relatar a dimensão das inter-relações que ocorrem quando se está falando do controle de indivíduos. Enquanto o contracontrole não está restrito à sua forma (topografia), Skinner (1968/1972) levanta uma das topografias possíveis que o comportamento pode assumir como Anti-intelectualismo: “O Anti-intelectualismo é, muitas vezes, um ataque generalizado a tudo que a educação representa” (p. 94). O termo Anti-intelectualismo também é encontrado em outras produções da AC, sempre seguindo a perspectiva de Skinner para explicar o fenômeno. Azoubel(2014), por exemplo, considera que:

“O uso de coerção, mesmo que não possua formas explicitamente violentas ou físicas, termina por levar a certos subprodutos indesejados, como a vandalismo, falta de atenção, “fadiga mental”, esquecimento, apatia, até chegar a um tipo de Anti-intelectualismo (Skinner, 1969), entendido como aversão aos aspectos ligados à educação” (Azoubel, 2014, p.14).

Da mesma forma, Rodrigues (2005) concorda com Azoubel (2014) quando aborda essa questão:

“Indo além, a punição gera também contra controle sob as mais variadas formas verbais ou não verbais (irreverência, indelicadeza, Anti-intelectualismo, violência e até vandalismo), podendo ser dirigidos ao professor, à escola e à educação de modo geral” (Rodrigues, 2005, p. 28).

Hofstadter (1966) não dialoga diretamente com autores da AC, nem utiliza a linguagem e pressupostos desta ciência. Em seu livro, apresenta três visões distintas do fenômeno do Anti-intelectualismo Rigney (1991) destaca essas três visões como sendo: “religioso anti-racionalista, populista antielitista e o instrumentalista irreflexivo” (tradução própria)<sup>2</sup>. Rigney (1991) ainda destaca como o trabalho de Hofstadter aponta para uma compreensão plural do Anti-intelectualismo, ou seja, a compreensão deste fenômeno pode ser alterada a partir da perspectiva selecionada para observá-lo. A exemplo, o Anti-intelectualismo religioso anti-racionalista, estaria vinculado a atitudes de credo especialmente ligadas a denominações evangélicas protestantes. Já o Anti-intelectualismo populista anti-elitista viria dos movimentos políticos populistas que apresentavam a elite do país como intelectuais, defendendo portanto uma movimentação Anti-intelectualismo. Por fim, o Anti-intelectualismo instrumentalista irreflexivo vincula-se às estruturas dominantes do capital econômico, instrumentalizando o Anti-intelectualismo como um mecanismo desarticulador das mudanças de paradigmas e políticas.

Uma concepção plural do Anti-intelectualismo expande os contextos em que o fenômeno é observado. Porém, as múltiplas definições que Hofstadter (1966) cunha delimitam o fenômeno a contextos específicos, primeiramente ao Estados Unidos da América e em segundo lugar ao seu contexto histórico da década de 60. Ao entendermos o Anti-intelectualismo como um processo que pode estar para além destas circunstâncias, nos deparamos com a necessidade de uma descrição que viabilize uma análise do seu funcionamento. Tendo em mente os antecedentes que evocam respostas semelhantes em topografia e/ou função e suas consequências mantenedoras. Uma

análise funcional (Skinner, 2003), neste caso não-experimental, poderia indicar condições antecedentes e consequências do responder individual que visam a manutenção de comportamentos compreendidos por Hofstadter (1966) como Anti-intelectualismo, proporcionando uma visão analítico comportamental do fenômeno.

Hofstadter (1966) não possuía o vocabulário de um analista de comportamento. Sua análise não busca identificar ou explicitar elementos contidos em uma análise funcional (Skinner, 2003). Poderíamos dizer que Hofstadter (1966) faz um bom detalhamento de seu ambiente, mas não utiliza a terminologia esperada para se relatar os comportamentos observados, uma vez que não faz parte da mesma comunidade verbal que outros analistas do comportamento. Se Hofstadter, fosse um analista do comportamento, poderíamos esperar em seu trabalho, elementos como aqueles descritos por Todorov (1985), pertencentes a uma análise de contingência:

CONTINGÊNCIA é um instrumento conceitual utilizado na análise de interações organismo-ambiente (ver, entre outros. Skinner,1953;1969; Harzem & Miles,1978;Todorov,1982). Uma contingência tríplice específica (1) uma situação presente ou antecedente que pode ser descrita em termos de estímulos chamados discriminativos pela função controladora que exercem sobre o comportamento; (2) algum comportamento do indivíduo, que se emitido na presença de tais estímulos discriminativos tem como consequência (3) alguma alteração no ambiente, que não ocorreria (a) se tal comportamento fosse emitido na ausência dos referidos estímulos discriminativos ou(b)seu comportamento não ocorresse (Todorov, 1985, p.8)

Ao introduzirmos o vocabulário da análise do comportamento ao Anti-intelectualismo, estamos elaborando hipóteses comportamentais através da descrição cultural. No primeiro capítulo intitulado: “Anti-intelectualismo no nosso tempo” (tradução própria)<sup>3</sup>. Hofstadter (1966), introduz o Anti-intelectualismo como um conceito único, já elencando suas possíveis ramificações futuras, mas com uma unidade inicial. Sendo este capítulo a introdução da obra, encontramos também detalhadas descrições culturais. Estes dois elementos consolidam o capítulo como um recorte que contém tanto a detalhada descrição cultural de Hofstadter (1966) e o emprego do termo Anti-intelectualismo de maneira direta.

Uma análise funcional de Skinner (2003) do recorte do primeiro capítulo do texto de Hofstadter (1966) poderia apresentar elementos esclarecedores, capazes de descrever o funcionamento do Anti-intelectualismo. Entretanto, por que encapsular a análise a Skinner? Da mesma forma que a análise de Hofstadter (1966) é um recorte de seu tempo, a análise funcional de Skinner (2003) compreende um outro recorte histórico e teórico.

Outros pensadores já avançaram nas discussões sobre Análise do comportamento para além do recorte de Skinner, introduzindo novas visões de mundo e temáticas que nem sempre apareciam no trabalho do pesquisador. Neste caso Ullman (2006), propõe outros tópicos para a análise de fenômenos sociais, tais como a existência de uma condição motivadora, de contingências antagônicas, do comportamento observável e do fluxo de dinheiro. O trabalho de Ullman (2006), foi incluir nos parâmetros de uma análise funcional, elementos que pudessem evidenciar a luta de classes, a dinâmica de interesse antagônicos das classes que constituem a sociedade (Marx & Engels, 1948/2015). Os parâmetros de Ullman (2006), em conjunto

com a descrição material de Skinner (2003), propiciam uma análise funcional onde a distinção da classe opressora e classe oprimida ficam mais afloradas, intensificando a disparidade de poder.

Considerando: O recorte do capítulo, a perspectiva da análise funcional de Skinner (2003), em conjunto com os parâmetros de Ullman (2006). Se apresenta a possibilidade de uma análise de materiais externos à AC por meio de sua perspectiva, que pode ampliar a compreensão do fenômeno e auxiliar na operacionalização de comportamentos relacionados ao Anti-intelectualismo.

## **OBJETIVO**

A presente pesquisa tem por objetivo operacionalizar, em termos de descrições comportamentais, o Anti-intelectualismo descrito no primeiro capítulo da obra de Hofstadter (1966), por meio da análise funcional proposta por B.F. Skinner, acrescida dos tópicos propostos por Ullman (2006), para compreender as dinâmicas de luta de classe.

## MÉTODO

Visando uma maior compreensão da obra de Hofstadter, a presente pesquisa buscou na literatura de AC formas de se analisar uma produção de um autor, buscando compreender o que ele descrevia em suas passagens. O trabalho realizado por Malavazzi e Micheletto (2021) analisou as obras de Skinner, sem estabelecer categorias prévias à leitura do material selecionado. Os autores apontam para uma disposição que as categorias teriam em “emergir” a partir do momento em que todo o material coletado é analisado em seu conjunto. Por isso, após uma leitura minuciosa, os pesquisadores utilizaram perguntas como uma forma de realizar o processo de categorização do material.

### Perguntas de análise

Semelhante a pesquisa de Malavazzi e Micheletto (2021), a metodologia deste trabalho contou com “questões principais” e “perguntas complementares” para auxiliar na elaboração das categorias para análise do material levantado. Ambas as listas de questões auxiliaram o pesquisador na busca de trechos e passagens que apontaram elementos para a operacionalização de comportamentos compreendidos como Anti-intelectualismo.

As “questões principais”, visam abarcar elementos da análise funcional (Skinner, 2003). Características antecedentes, formas do comportamento (topografia) e consequências. Já as “perguntas complementares” buscam esclarecer elementos apontados como complementares à análise funcional, tais como: Contingências antagônicas e operações motivadoras (Ullman, 2006). Abaixo segue uma lista dessas perguntas.

#### *Questões principais;*

##### *(Perguntas que descrevem as respostas.)*

- Anti-intelectualismo é descrito como uma ação individual ou coletiva?
- Anti-intelectualismo tem diferentes intensidades?
- Anti-intelectualismo está associada a que comportamentos?

##### *(Perguntas que descrevem a situação antecedente)*

- O que propiciou o surgimento do Anti-intelectualismo?
- Em quais contextos Anti-intelectualismo tem acontecido com maior frequência?
- Em quais contextos Anti-intelectualismo tem acontecido em menor frequência?
- Existe algum contexto histórico/cultural por trás do Anti-intelectualismo?
- Existe algum contexto de vida pessoal dos indivíduos por trás do Anti-intelectualismo?
- Existe algum contexto biológico por trás do Anti-intelectualismo?

##### *(Perguntas que descrevem as consequências)*

- Existem consequências para o acontecimento do Anti-intelectualismo?
- As consequências, se houverem, ocorrem após qual intervalo de tempo?
- As consequências do Anti-intelectualismo mudam a forma dele?
- Como ocorre a mediação de contingências?
- Existem relações de dominação, quando falamos do controle de consequências?

### *Perguntas complementares;*

- Alguém lucra com o Anti-intelectualismo?
- Existe uma relação de oposição de poder descrita no Anti-intelectualismo?
- Existem condições anteriores ao Anti-intelectualismo que aumentam a sua chance de acontecer?

### **Seleção dos trechos e agrupamento de trechos**

Na seleção dos trechos foi definido que limitar a seleção a passagens (parágrafos) que continham o termo “Anti-Intellectualism”, dentro do primeiro capítulo da obra *Anti-Intellectualism in American Life* (1966), intitulado “*Anti-intellectualism in our time*”.

Para localizar a palavra-chave foi utilizada a ferramenta de localizar (ctrl-F). Após serem destacados, os parágrafos onde existem incidências deste termo foram lidos. Quando necessário, parágrafos anteriores ou posteriores foram também lidos para complementar a explicação se o pesquisador achasse necessário.

A demanda por acrescentar trechos, ficou sob controle de dois fatores principais. Primeiramente o contexto do texto, por vezes o trecho selecionado poderia estar no meio de uma elaboração teórica, e por isso os parágrafos anteriores e posteriores foram incluídos a fim de manter a coerência do trecho sem tirá-lo de seu contexto original. Casos como este aconteceram, principalmente, quando houve problemas para identificar algum elemento que o texto já havia feito referência anteriormente, porém sem explicitá-lo. Em segundo lugar, foram também incluídos trechos subsequentes ou anteriores que expandiram a descrição do termo Anti-intelectualismo. Ou seja, trechos que não possuíam o termo descritor, porém complementam a explicação ou introduziram novos exemplos para a situação relatada.

Alguns trechos também possuíam múltiplas referências ao termo Anti-intelectualismo. Um mesmo parágrafo poderia ter até 5 vezes o termo descritor. Em situações como essas o parágrafo foi selecionado como um único trecho, englobando todas as ocorrências de Anti-intelectualismo, como sendo correlacionada aquele parágrafo onde estão descritas. A condição para não aglutinar termos dentro de uma única passagem, era de que todos os termos deveriam estar relacionados ao mesmo contexto sendo desenvolvido no parágrafo. Se o termo estivesse em uma descrição distinta, mesmo compartilhando o parágrafo, este era selecionado como sendo um trecho novo de análise.

Essas passagens foram compiladas, para depois serem categorizadas. Parágrafos que possuíam o termo repetidas vezes, foram marcados como sendo um único trecho, além disso parágrafos subsequentes que possuíssem o termo, também foram aglutinados a fim de manter a coerência do texto e da análise.

### **Categorias e categorização**

As categorias deste trabalho foram elaboradas a partir das perguntas de análise. Ou seja, as categorias buscam facilitar o acesso às informações do texto que, de acordo com as questões principais e perguntas complementares, possam conter elementos que

auxiliem na elaboração de um comentário e ou até mesmo resposta. Além disso, se baseiam nas três partes da tríplice contingência descrita por Skinner (2003), antecedentes, resposta e consequência. Assim como nas hipóteses de análise comportamental de Ullman (2006), considerando sua proposição para a análise de contingências antagônicas. Para a categorização dos 29 trechos levantados, foram elaboradas 4 categorias de análise. Sendo elas: Antecedentes (ant.), resposta (R), consequências (con.), contingências antagônicas (cont. A).

Os trechos selecionados podem conter elementos que os alocam em duas categorias distintas. Portanto, a múltipla categorização, deve estar prevista para casos em que o trecho analisado apresenta essa condição. Um mesmo trecho pode ser ao mesmo tempo uma descrição de antecedentes, e uma análise de elementos das contingências antagônicas. Compreendendo assim, uma dupla categorização. Em contrapartida, os critérios de exclusão de trechos ficam estabelecidos a partir da convenção das quatro categorias. Ou seja, os trechos que não possuem, quaisquer elementos que os designam para uma das categorias, devem ser excluídos. Tendo em mente que as categorias elaboradas abarcam o objetivo da pesquisa, os trechos que não apresentam: elementos antecedentes a resposta Anti-intelectualista, descrições de comportamentos anti-intelectualistas, consequências do comportamento anti-intelectualista e elementos que descrevam ou indiquem a disputa de poder entre classes distintas. Devem ser excluídos (para comentários sobre esses trechos excluídos vide a conclusão).

Abaixo, é apresentada uma descrição de cada uma dessas categorias, incluindo exemplos de trechos que se adequam à categoria em questão.

### 1. Antecedentes (ant.)

A categoria de antecedentes abarca trechos que fazem menção a elementos que antecedem a resposta de Anti-intelectualismo. De forma ampla, se inserem nessa categoria menções ao contexto diante do qual o Anti-intelectualismo ocorre (i.e., o tempo ou local), bem como condições cuja função é alterar a probabilidade de respostas características do Anti-intelectualismo serem evocadas. São contemplados nessa categoria trechos que fazem menção a estímulos antecedentes e operações motivadoras.

Sendo este último trechos que descrevem condições que têm como efeito alterar o valor das consequências que controlam respostas anti-intelectuais, e evocar respostas desse tipo que no passado produziram tais consequências. São parte dessa categoria, por exemplo, trechos que indicam o que torna necessário o comportamento anti-intelectual, como privações ou eventos aversivos.

Um exemplo de operação motivadora, categorizada como Antecedente seria: *“Chegamos agora a um ponto em que os intelectuais podem discutir o Anti-intelectualismo sem partidarismo exagerado ou autopiedade.”* (tradução própria)<sup>4</sup>. No trecho, os termos “partidarismo ou autopiedade” (partidarismo e pena de si mesmo), indicam uma condição na qual o Anti-intelectualismo era praticado, mas que com a ausência deles, o Anti-intelectualismo poderia ser praticado assumindo outras topografias e intensidades

Exemplo de trecho caracterizado como antecedente:

“Em 1952, apenas os intelectuais pareciam muito perturbados pelo espectro do Anti-intelectualismo; em 1958, a ideia de que esta poderia ser uma falha nacional importante e até perigosa era persuasiva para a maioria das pessoas pensantes.

Hoje é possível olhar para a cultura política da década de 1950 com algum distanciamento. *Se havia então uma tendência para ver no macarthismo*, e mesmo na administração Eisenhower, algum apocalipse para os intelectuais na vida pública, isso já não é possível, agora que Washington voltou a ser tão hospitaleira para com professores de Harvard e ex-bolsistas contemplados com a bolsa de Rhodes.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>5</sup>

O trecho destacado apresenta um termo chave: *tendency*, ou tendência. Esse termo indica uma maior disposição de agir, se comparado a outras situações. Aponta o Anti-intelectualismo como uma característica típica, ou com tendências a ser visto no “macarthismo”. Atribui ao macarthismo uma função evocativa de comportamentos de Anti-intelectualismo.

Exemplo de trecho de antecedente onde não há relação de controle do comportamento, apenas apresentação de contexto histórico:

“O Anti-intelectualismo não se manifestou neste país pela primeira vez durante a década de 1950. O nosso Anti-intelectualismo é, de facto, *mais antigo do que a nossa identidade nacional e tem um longo passado histórico*. Uma análise deste contexto sugere que o respeito pelos intelectuais nos Estados Unidos não diminuiu de forma constante e não entrou num declínio repentino e recente, mas está sujeito a flutuações cíclicas; sugere, também, que o ressentimento que o intelectual tem sofrido no nosso tempo é uma manifestação não de um declínio na sua posição, mas da sua crescente proeminência.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>6</sup>

No trecho acima, vemos uma observação de que o Anti-intelectualismo teria conexões atreladas a cultura americana anteriores a própria identidade nacional. Ao contrário do texto anterior, não se apresenta uma condição em que o Anti-intelectualismo é mais provável de ocorrer, contudo descreve claramente que o Anti-intelectualismo possui uma relação com os processos culturais e por isso mesmo aos elementos do histórico dos indivíduos e das comunidades que eles compõem.

## 2. Resposta (R)

A categoria de resposta se refere a ações, com topografias diversas, que caracterizam o Anti-intelectualismo. Nessa categoria, são alocados trechos que fazem menção a verbos que sugiram ações anti-intelectuais.

Exemplo de trechos categorizados como Resposta: “Durante aquela década, o termo Anti-intelectualismo, raramente ouvido antes, tornou-se uma parte familiar do nosso vocabulário nacional de *autorrecriminação e abuso intramuros*” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>7</sup>. Neste trecho, o Anti-intelectualismo se apresenta como uma forma de resposta verbal voltado para a recriminação pessoal.

Em outro trecho, o autor compara o Anti-intelectualismo a outro tipo de comportamento, descrevendo o primeiro, como sendo semelhante em topografia: “O Anti-intelectualismo”, observou Schlesinger, “há muito tempo é o *antisemitismo do homem de negócios*.... O intelectual... está hoje em fuga na sociedade americana.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>8</sup>

## 3. Consequência (con.)

As consequências compreendem trechos que possuam alguma descrição dos efeitos do Anti-intelectualismo após a sua ocorrência. Trechos caracterizados como consequência, buscam compreender a função do comportamento anti-intelectualista. Nestes trechos encontraremos elementos textuais de finalidade (“para que”).

Exemplo de trecho categorizado como consequência: “O fermento político e a controvérsia educacional da década de 1950 fizeram do termo anti intelectual um epíteto central na autoavaliação americana; ele entrou discretamente em nosso uso, sem muita definição, e é comumente usado para descrever *uma variedade de fenômenos indesejáveis*.”(Hofstadter,1966, tradução própria)<sup>9</sup>. O trecho entra nesta categoria, uma vez que o destaque ao final da passagem aponta o Anti-intelectualismo como descrito de “uma variedade de fenômenos indesejáveis”. O trecho aponta para a presença de consequências aversivas dentro dos produtos do Anti-intelectualismo. Em outras palavras, consequências indesejáveis para a população americana, em especial para aqueles que discutem sobre educação.

Um exemplo que não entra na categorização como consequência: “Também seria errado, bem como pouco caridoso, imaginar que os homens e mulheres que de tempos a tempos carregam as bandeiras do Anti-intelectualismo estão necessariamente comprometidos com ele como se fosse um credo positivo ou uma espécie de princípio. Na verdade, o Anti-intelectualismo é geralmente a consequência incidental de alguma outra intenção, muitas vezes de alguma intenção justificável. Quase ninguém acredita ser contra o pensamento e a cultura” (Hofstadter,1966, tradução própria)<sup>10</sup>. O trecho não descreve uma consequência para o Anti-intelectualismo. Ele caracteriza o próprio termo como sendo “consequência de outra intenção”. Por isso não seria categorizado como consequência.

#### 4. Contingências antagônicas (cont. A)

A categoria de contingências antagônicas, engloba os trechos que possuem alguma descrição da luta de classes. Os trechos classificados nessa categoria devem apresentar elementos de antagonismo ou de tensão social, descrevendo relações dos sujeitos, através da sua colocação dentro da estrutura social, seja pela perspectiva dos oprimidos ou pela perspectiva dos opressores

Trechos onde pode-se identificar dinâmicas de poder político ou interesse por esse poder, também são descritos como contingências antagônicas. Trechos que citam apenas um grupo envolvido na dinâmica, mas do qual sabemos que existe a sua contraposição também são caracterizados nesta categoria.

Algumas passagens que demonstram as condições para a categorização de um trecho como contingência antagônica:

“Na verdade, o Anti-intelectualismo é frequentemente característico de forças diametralmente opostas entre si. Os empresários e os líderes sindicais podem ter opiniões sobre a classe intelectual que são surpreendentemente semelhantes.” (Hofstadter,1966, tradução própria)<sup>11</sup>

“o Anti-intelectualismo tornou-se, como acredito que tenha, uma qualidade amplamente difundida na nossa civilização, e tornou-se assim porque tem sido frequentemente ligado a causas boas, ou pelo menos defensáveis.” (Hofstadter,1966, tradução própria)<sup>12</sup>

"Finalmente, em 1957, o lançamento do Sputnik pelos soviéticos precipitou uma daquelas ondas periódicas de reavaliação nacional autoconsciente a que o público americano está propenso." (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>13</sup>

"O Sputnik foi mais do que um choque para a vaidade nacional americana: trouxe uma imensa atenção para as consequências do Anti-intelectualismo no sistema escolar e na vida americana em geral. De repente, a aversão nacional pelo intelecto pareceu não ser apenas uma vergonha, mas um perigo para a sobrevivência. Depois de assumir durante alguns anos que a sua principal preocupação com os professores era examiná-los quanto à deslealdade, a nação começou agora a preocupar-se com os seus baixos salários." (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>14</sup>

## RESULTADOS

O levantamento inicial utilizando a ferramenta Ctrl-f identificou trinta e oito termos descritores dentro do primeiro capítulo da obra. Destes trinta e oito termos, um deles correspondia ao título do capítulo e por não representar um trecho relevante de análise, foi descartado da somatória total. Os trinta e sete trechos restantes foram lidos, e considerando situações em que havia sobreposição do termo descritor em um mesmo parágrafo, foram destacados 29 trechos para a categorização. Abaixo segue tabela com os trechos selecionados, junto das categorias atribuídas aos mesmos.

Tabela 1: Categorização dos trechos selecionados no primeiro capítulo da obra

Trecho	Categorização
<p>During that decade the term anti-intellectualism, only rarely heard before, became a familiar part of our national vocabulary of self-recrimination and intramural abuse.</p>	<p>Resposta</p>
<p>“Anti-intellectualism,” Schlesinger remarked, “has long been the anti-Semitism of the businessman.... The intellectual ... is on the run today in American society.”</p>	<p>Resposta</p>
<p>Finally, in 1957, the launching of the Sputnik by the Soviets precipitated one of those periodic surges of self-conscious national reappraisal to which the American public is prone. The Sputnik was more than a shock to American national vanity: it brought an immense amount of attention to bear on the consequences of anti-intellectualism in the school system and in American life at large. Suddenly the national distaste for intellect appeared to be not just a disgrace but a hazard to survival. After assuming for some years that its main concern with teachers was to examine them for disloyalty, the nation now began to worry about their low salaries.</p>	<p>Consequências /Contingências antagônicas</p>
<p>Cries of protest against the slackness of American education, hitherto raised only by a small number of educational critics, were now taken up by television, mass magazines, businessmen, scientists, politicians, admirals, and university presidents, and soon swelled into a national chorus of self-reproach. Of course, all this did not immediately cause the vigilante mind to disappear, nor did it disperse anti-intellectualism as a force in American life; even in the sphere most immediately affected, that of education, the ruling passion of the public seemed to be for producing more Sputniks, not for developing more intellect, and some of the new rhetoric about education almost suggested that gifted children were to be regarded as resources in the cold war.</p>	<p>Contingência Antagonica</p>

<p>In 1952 only intellectuals seemed much disturbed by the specter of anti-intellectualism; by 1958 the idea that this might be an important and even a dangerous national failing was persuasive to most thinking people. Today it is possible to look at the political culture of the 1950's with some detachment. If there was then a tendency to see in McCarthyism, and even in the Eisenhower administration, some apocalypse for intellectuals in public life, it is no longer possible, now that Washington has again become so hospitable to Harvard professors and ex-Rhodes scholars.</p>	<p>Antecedentes /Contingências antagônicas</p>
<p>We have now reached a point at which intellectuals can discuss anti-intellectualism without exaggerated partisanship or self-pity.</p>	<p>Antecedentes /Contingências antagônicas</p>
<p>The political ferment and educational controversy of the 1950's made the term anti-intellectual a central epithet in American self-evaluation; it has slipped unobtrusively into our usage without much definition and is commonly used to describe a variety of unwelcome phenomena.</p>	<p>Consequências</p>
<p>Anti-intellectualism was not manifested in this country for the first time during the 1950's. Our anti-intellectualism is, in fact, older than our national identity, and has a long historical background. An examination of this background suggests that regard for intellectuals in the United States has not moved steadily downward and has not gone into a sudden, recent decline, but is subject to cyclical fluctuations; it suggests, too, that the resentment from which the intellectual has suffered in our time is a manifestation not of a decline in his position but of his increasing prominence.</p>	<p>Antecedentes /Contingências antagônicas</p>
<p>One reason anti-intellectualism has not even been clearly defined is that its very vagueness makes it more serviceable in controversy as an epithet. But, in any case, it does not yield very readily to definition. As an idea, it is not a single proposition but a complex of related propositions. As an attitude, it is not usually found in a pure form but in ambivalence—a pure and unalloyed dislike of intellect or intellectuals is uncommon. And as a historical subject, if it can be called that, it is not a constant thread but a force fluctuating in strength from time to time and drawing its motive power from varying sources.</p>	<p>Contingências antagônicas/Resposta</p>

<p>The common strain that binds together the attitudes and ideas which I call anti-intellectual is a resentment and suspicion of the life of the mind and of those who are considered to represent it; and a disposition constantly to minimize the value of that life. This admittedly general formulation is as close as I find it useful to venture toward definition.<sup>3</sup> Once this procedure is adopted, it will be clear that anti-intellectualism cannot be made the subject of a formal history in quite the same way as the life of a man or the development of an institution or a social movement.</p>	<p>Resposta</p>
<p>The kind of anti-intellectualism expressed in official circles during the 1950's was mainly the traditional businessman's suspicion of experts working in any area outside his control, whether in scientific laboratories, universities, or diplomatic corps. Far more acute and sweeping was the hostility to intellectuals expressed on the far-right wing, a categorical folkish dislike of the educated classes and of anything respectable, established, pedigreed, or cultivated. The right-wing crusade of the 1950's was full of heated rhetoric about "Harvard professors, twisted-thinking intellectuals ... in the State Department"</p>	<p>Resposta/Contingências antagônicas</p>
<p>Although I am convinced that anti-intellectualism is pervasive in our culture, I believe that it can rarely be called dominant. Again and again I have noticed, as I hope readers will, that the more mild and benign forms of anti-intellectualism prove to be the most widespread, whereas the most malign forms are found mainly among small if vociferous minority groups.</p>	<p>Antecedentes/Contingências antagônicas</p>
<p>Again, this is not, as it perhaps should be, a comparative study: my concentration on anti-intellectualism in the United States is no more than the result of a special, and possibly parochial, interest in American society. I do not assume that anti-intellectualism does not exist elsewhere. I think that it is a problem of more than ordinary acuteness here, but I believe it has been present in some form and degree in most societies; in one it takes the form of the administering of hemlock, in another of town-and-gown riots, in another of censorship and regimentation, in still another of Congressional investigations.</p>	<p>Resposta</p>
<p>I am disposed to believe that anti-intellectualism, though it has its own universality, may be considered a part of our English cultural inheritance, and that it is notably strong in Anglo-American experience.</p>	<p>Antecedentes/Contingências antagônicas</p>

<p>Possibly the greatest hazard of this venture is that of encouraging the notion that anti-intellectualism is commonly found in a pure or unmixed state. It seems clear that those who have some quarrel with intellect are almost always ambivalent about it: they mix respect and awe with suspicion and resentment; and this has been true in many societies and phases of human history. In any case, anti-intellectualism is not the creation of people who are categorically hostile to ideas. Quite the contrary: just as the most effective enemy of the educated man may be the half-educated man, so the leading anti-intellectuals are usually men deeply engaged with ideas, often obsessively engaged with this or that outworn or rejected idea. Few intellectuals are without moments of anti-intellectualism; few anti-intellectuals without single-minded intellectual passions. In so far as anti-intellectualism becomes articulate enough to be traced historically or widespread enough to make itself felt in contemporary controversy, it has to have spokesmen who are at least to some degree competent. These spokesmen are in the main neither the uneducated nor the unintellectual, but rather the marginal intellectuals, would-be intellectuals, unfrocked or embittered intellectuals, the literate leaders of the semi-literate, full of seriousness and high purpose about the causes that bring them to the attention of the world.</p>	<p>Antecedentes</p>
<p>The spokesmen of anti-intellectualism are almost always devoted to some ideas, and much as they may hate the regnant intellectuals among their living contemporaries, they may be devotees of some intellectuals long dead—Adam Smith perhaps, or Thomas Aquinas, or John Calvin, or even Karl Marx.</p>	<p>Resposta/Contingências antagônicas</p>
<p>With respect to these, some individuals will appear now on one side and now on another. In fact, anti-intellectualism is often characteristic of forces diametrically opposed to each other. Businessmen and labor leaders may have views of the intellectual class which are surprisingly similar. Again, progressive education has had its own strong anti-intellectual element, and yet its harshest and most determined foes, who are right-wing vigilantes, manifest their own anti-intellectualism, which is, though different in style, less equivocal and more militant.</p>	<p>Contingências antagônicas</p>

<p>To be confronted with a simple and unqualified evil is no doubt a kind of luxury; but such is not the case here; and if anti-intellectualism has become, as I believe it has, a broadly diffused quality in our civilization, it has become so because it has often been linked to good, or at least defensible, causes.</p>	<p>Contingências antagônicas</p>
<p>For an interesting exercise in definition, see Morton White: "Reflections on Anti-Intellectualism," <i>Daedalus</i> (Summer, 1962), pp. 457–68. White makes a useful distinction between the anti-intellectual, who is hostile to intellectuals, and the anti-intellectualist, who is critical of the claims of rational intellect in knowledge and in life. He treats at some length the respective strategies of the two, and their points of convergence.</p>	<p>Resposta</p>

Dentre os trechos selecionados, 10 deles não se encaixaram nas categorias elaboradas inicialmente. Sendo assim, foram excluídos por não descreverem elementos relevantes à análise funcional. No total foram categorizados, 6 trechos como antecedente. 8 categorizações de resposta. 2 como consequência. E 12 trechos foram categorizados como contingência antagônica.

Dentre os trechos analisados, a categoria de respostas apresentou elementos relevantes. Os trechos desta categoria exemplificam topografias que o Anti-intellectualismo poderia assumir, como exemplos observáveis deste comportamento.

“Durante essa década, o termo Anti-intellectualismo, raramente ouvido antes, tornou-se uma parte familiar do nosso vocabulário nacional de autorrecriminação e abuso intramuros.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>15</sup>

“O Anti-intellectualismo”, observou Schlesinger, “tem sido desde há muito o antissemitismo do homem de negócios... O intelectual... está hoje em fuga na sociedade americana”. (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>16</sup>

“Como atitude (Anti-intellectualismo), geralmente não é encontrada em uma forma pura, mas em ambivalência – uma aversão pura e pura ao intelecto ou aos intelectuais é incomum.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>17</sup>

Os trechos categorizados como resposta apresentaram descrições comparativas do fenômeno. O termo antissemitismo, presente no segundo exemplo, engloba uma variedade de comportamentos, com variadas formas, contudo suas funções os aglutinam sobre o termo antissemitismo. Essa comparação apresenta o Anti-intellectualismo, também como um termo “guarda-chuva”, onde comportamentos com diferentes topografias poderiam ser descritos pelo termo, desde que apresentassem uma função relacionada. As respostas observadas nessa categoria exemplificam o Anti-intellectualismo com comportamentos de negação ou insatisfação. A partir dessas descrições topográficas, hipóteses sobre relações funcionais podem ser apontadas, como a predominância de descrições de comportamentos de esquiva/fuga.

“A tensão comum que une as atitudes e ideias que chamo de anti-intelectuais é um ressentimento e suspeita da vida da mente e daqueles que são considerados

como representantes dela; e uma disposição para minimizar constantemente o valor dessa vida.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>18</sup>

A categoria de Contingências Antagônicas foi a segunda com mais trechos. O caráter político da obra de Hofstadter é um indício para a presença elevada de trechos que discutem a disputa de poder. O contexto histórico da obra, guerra fria e a disputa ideológica acirrada dos modelos econômicos capitalista e socialista, dita bem quem são os protagonistas desta luta por poder. Nos trechos categorizados podemos encontrar personagens históricos, como Joseph McCarthy e sua propaganda contra os ditos traidores da pátria. Ou eventos de magnitude global, como o lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik-1, pelos soviéticos.

“Finalmente, em 1957, o lançamento do Sputnik pelos soviéticos precipitou um daqueles surtos periódicos de reavaliação nacional autoconsciente a que o público americano está propenso. O Sputnik foi mais do que um choque para a vaidade nacional americana: trouxe uma imensa atenção para as consequências do Anti-intelectualismo no sistema escolar e na vida americana em geral.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>19</sup>

“Em 1952, apenas os intelectuais pareciam muito perturbados pelo espectro do Anti-intelectualismo; em 1958, a ideia de que esta poderia ser uma falha nacional importante e até perigosa era persuasiva para a maioria das pessoas pensantes. Hoje é possível olhar para a cultura política da década de 1950 com algum distanciamento. Se havia então uma tendência para ver no macarthismo, e mesmo na administração Eisenhower, algum apocalipse para os intelectuais na vida pública, isso já não é possível, agora que Washington tornou-se novamente tão hospitaleiro para com professores de Harvard e ex-acadêmicos de Rhodes.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>20</sup>

Mesmo não fazendo uma análise aprofundada sobre os participantes da disputa de poder, Hofstadter (1966) indica na obra a presença destes protagonistas na disputa global. Importante ressaltar que o autor não vincula com exclusividade o Anti-intelectualismo a uma ideologia, não o descreve como sendo uma característica definidora de alguma forma de pensamento ou filosofia, ao contrário, afirma que o porta-voz do Anti-intelectualismo quase sempre seria devoto de alguma figura intelectual a muito tempo morta, mas não indica um senso ideológico nesse interesse pela filosofia, não distinguindo os ideais dos autores Adam Smith, Tomás de Aquino, John Calvin e Karl Marx.

“Os porta-vozes do Anti-intelectualismo são quase sempre devotados a algumas ideias, e por mais que possam odiar os intelectuais reinantes entre os seus contemporâneos vivos, podem ser devotos de alguns intelectuais há muito falecidos – Adam Smith, talvez, ou Tomás de Aquino, ou João Calvino., ou mesmo Karl Marx.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>21</sup>

A categoria Consequência teve menos trechos identificados. Apenas dois trechos possuem elementos que os qualificam como descrevendo as consequências do Anti-intelectualismo.

“O Sputnik foi mais do que um choque para a vaidade nacional americana: trouxe uma imensa atenção para as consequências do Anti-intelectualismo no sistema escolar e na vida americana em geral. De repente, a aversão nacional pelo intelecto parecia não ser apenas uma vergonha, mas um perigo para a

sobrevivência. Depois de assumir durante alguns anos que a sua principal preocupação com os professores era examiná-los quanto à deslealdade, a nação começou agora a preocupar-se com os seus baixos salários.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>22</sup>

“O fermento político e a controvérsia educacional da década de 1950 fizeram do termo anti-intelectual um epíteto central na autoavaliação americana; ele entrou discretamente em nosso uso, sem muita definição, e é comumente usado para descrever uma variedade de fenômenos indesejáveis.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>23</sup>

Existem outros trechos que descrevem elementos de consequência. Contudo, a descrição de consequência adequada à perspectiva da análise do comportamento abarca uma descrição dos elementos que ocorrem após o comportamento anti-intelectualista que nem sempre está presente no texto da obra. O trecho abaixo não é categorizado como consequência, pois estabelece o próprio Anti-intelectualismo como consequência de um comportamento não descrito de maneira explícita.

“Também seria errado, bem como pouco caridoso, imaginar que os homens e mulheres que de vez em quando carregam as bandeiras do Anti-intelectualismo estejam necessariamente comprometidos com ele como se fosse um credo positivo ou uma espécie de princípio. Na verdade, o Anti-intelectualismo é geralmente a consequência incidental de alguma outra intenção, muitas vezes de alguma intenção justificável. Quase ninguém acredita ser contra o pensamento e a cultura” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>24</sup>

A quantidade de trechos categorizados como consequência, se comparada às outras categorias, destaca a forma como Hofstadter (1966) analisa os resultados do Anti-intelectualismo. Neste caso, o autor, não necessariamente vincula uma alteração do ambiente ao comportamento Anti-intelectualista. Ao contrário, aponta o próprio Anti-intelectualismo como consequência de outras ações.

Como previsto nas categorias, foram identificados trechos com múltiplas categorizações. Foram 9 trechos ao total que tiveram dois elementos correspondentes a categorias distintas. A prevalência nas situações de dupla categorização foi da categoria contingências antagônicas, atrelada a outra categoria.

“Estou disposto a acreditar que o Anti-intelectualismo, embora tenha a sua própria universalidade, pode ser considerado uma parte da nossa herança cultural inglesa, e que é notavelmente forte na experiência anglo-americana.” (Hofstadter, 1966, tradução própria)<sup>25</sup>

Este trecho é um bom exemplo de duas categorias para uma mesma passagem. Ele foi categorizado como antecedente e contingências antagônicas. O termo “Herança cultural inglesa” ao mesmo tempo que caracteriza uma condição antecedente para o comportamento Anti-intelectualista. Também abarca uma carga de relações de poder. Para um estadunidense qual seria essa herança cultural? Um predecessor do direito ao destino manifesto? E para um Indiano? Essa herança cultural age da mesma maneira? Ou os anos de exploração pelo império britânico, alteram essa balança. Claro que Hofstadter (1966), discorre de maneira explícita sobre a sua cultura, de um norte americano. Contudo, observar e apontar as relações de poder dentro das dinâmicas materiais, favorece um entendimento comportamental do processo. Ampliando a

compreensão do fenômeno, dentro de uma perspectiva de mundo atrelada a luta das classes pelo poder.

## CONCLUSÃO

Todorov (1982) já indicou a prevalência de análises não experimentais na obra de Skinner. Uma nova análise não experimental, portanto, poderia ser descrita como redundante, ao não ampliar os focos de pesquisa. Porém, o material escolhido para análise deste trabalho não era originário da produção de outro Behaviorista. Seguindo a linha proposta por Zilio e Gonçalves (2022) a pesquisa buscou em Hofstadter (1966) uma nova perspectiva para um fenômeno já apontado por outros autores - o Anti-intelectualismo. A realização desta pesquisa é, em primeiro lugar, uma demonstração da relevância e possibilidade de uma análise não experimental com materiais oriundos de outras fontes que não somente a própria análise do comportamento. Em segundo lugar, o presente trabalho replicou, em parte, a metodologia utilizada por Malavazzi e Micheletto (2021), demonstrando a replicabilidade de seu processo e a capacidade de auxiliar o pesquisador na elaboração de categorias que impactem diretamente no problema de pesquisa estabelecido.

Retomando então as perguntas elaboradas na introdução da metodologia. Quais questões podem ser comentadas considerando o material analisado? Tomando a categoria com mais trechos analisados, a de contingência antagônicas, poderíamos elaborar alguns apontamentos sobre o seguinte levantamento: “Existe uma relação de oposição de poder descrita no AI?”. Em Hofstadter (1966) vemos diversas descrições de oposições de poderes. Contudo, o autor não enfatiza o Anti-intelectualismo como sendo exclusivo ou predileto por aqueles que dominam ou são oprimidos. Pelo contrário, o termo, suas consequências e o próprio ato de ser anti-intelectualista, é descrito como advindo de qualquer sujeito o que indica uma certa universalização do fenômeno.

Uma oposição direta a autores contemporâneos como Stanley (2018), que atrelam o fenômeno do Anti-intelectualismo ao projeto político do fascismo, ou a Picoli, Radaelli e Tedesco (2020) que descrevem a sua presença (do Anti-intelectualismo) na política brasileira fortemente vinculada a programas políticos reacionários. Hofstadter (1966) não afirma que o Anti-intelectualismo, pertence a um grupo, ou serve os seus interesses. Sua análise foca fortemente no caráter morfo do fenômeno. Contudo, em perspectiva do contexto brasileiro e global, o termo tem sido utilizado como descritor de mecanismos empregadas pela classe dominante. Servindo, portanto, aos seus interesses de controle.

Outra pergunta que podemos fazer algum comentário seria: “Existem consequências para o acontecimento do AI?”. Como foi apontado nos resultados, a linguagem específica da Análise do Comportamento evidencia um tipo de relação de consequência. No caso da obra de Hofstadter (1966), as consequências não são o impacto do Anti-intelectualismo no mundo. O próprio Anti-intelectualismo é uma consequência de outros comportamentos. Contudo, quais as decorrências de descrever o fenômeno desta maneira? Ao variar o Anti-intelectualismo, hora como resposta e hora como consequência, Hofstadter (1966), não cria um modelo de observação. Não somos capazes, através da descrição do fenômeno, de criar exemplos de suas relações funcionais. Não fica explícito, o que altera a frequência do Anti-intelectualismo, nem os seus impactos no ambiente. Para seguir essa linha de raciocínio colocada pelo autor, deveríamos expandir em futuros trabalhos a análise sobre que é o comportamento de Anti-intelectualismo. Quais respostas compõem esse repertório.

Hofstadter (1966), indica ao longo da obra como o termo Anti-intelectualismo seria uma generalização de outras formas de se comportar, com diversos exemplos e alegorias para explicar seu ponto. O que nos leva a outra questão com comentários: “Anti-intelectualismo é descrito como uma ação individual ou coletiva?”. Podemos dizer que das duas formas. Existem análises que evidenciam um único sujeito e o seu se

comportar. Mas, também existem apontamentos para esse fenômeno como sendo uma espécie de cultura. Nesse aspecto o autor se aproxima muito da perspectiva behaviorista sobre os fenômenos a nível individual e em grupo. Além de ter paralelos diretos com aquilo que autores contemporâneos têm compreendido do Anti-intelectualismo. Existem aqueles que são Anti-intelectualistas, agem de forma em desacordo com a ciência, buscando se opor a ela. Mas, existe também toda uma cultura composta por esse comportamento. Uma cultura que se mantém ativa, e consequenciada pelos seus impactos no ambiente. Hofstadter (1966) não discute sobre o controle desta cultura: Quem a fomenta? Como se estrutura? Quem lucra as suas custas? Em contrapartida Skinner (2003) e outros behaviorista já expandiram as discussões sobre cultura e sua formulação. Identificar um fenômeno como cultural é um princípio de análise. É necessário, com a metodologia científica adequada, compreendê-lo dentro de seus contextos.

Talvez a pergunta que a obra de Hofstadter (1966) mais seja capaz de gerar apontamentos para análise seja: “Existe algum contexto histórico/cultural por trás do Anti-intelectualismo?”. A obra é um levantamento histórico. O trabalho do autor com seu texto é caracterizar os eventos da década de 50, especialmente relacionados a educação americana deste período, com o termo que ele apresenta como sendo o Anti-intelectualismo. Se considerarmos um período específico, década de 50, em um lugar específico, estados unidos da américa. Com uma visão de mundo específica, a do próprio Hofstadter. A obra abarca exatamente aquilo que a pergunta coloca em pauta. Mas, claro, considerando as especificidades pautadas.

Vale fazer uma breve ressalva sobre os trechos excluídos e as perguntas não comentadas. Os trechos que não foram incluídos na categorização estão repletos de análises históricas e descrições de comportamento. Contudo, a forma de elaboração da metodologia, buscou colocar o Anti-intelectualismo em foco, sendo ele a resposta do tríplice contingência. Portanto, apenas analisaríamos o Anti-intelectualismo considerando: os antecedentes, a sua topografia (forma), as consequências ambientais produzidas por este comportamento e contingências antagônicas das suas relações. Hofstadter não é um behaviorista. Ele não estrutura sua concepção do fenômeno do Anti-intelectualismo como sendo exclusivamente um comportamento humano. Essa diferença de conceituação está expressa nos trechos excluídos, que mesmo tratando do Anti-intelectualismo, não o descrevem na compreensão esperada para esta pesquisa. Para analisar esses trechos deveríamos ampliar a compreensão do que pode ser o Anti-intelectualismo. Em algum grau, as perguntas da metodologia não discutidas neste trabalho, poderiam receber comentários à medida que mais trechos se tornassem passíveis de análise. Evidentemente, toda pesquisa é feita de escolhas para quais temas iremos nos atentar, para futuros trabalhos com o material de Hofstadter (1966), vale a consideração de uma retomada destes trechos não analisados.

Por fim, que consideração podemos tirar do trabalho de Hofstadter (1966), enquanto behavioristas e pesquisadores? O tempo já não é mais o mesmo. O Anti-intelectualismo descrito na obra do autor já não é o mesmo que observamos hoje. Na década de 50 a disputa política era de alguma forma mais balanceada. Ainda havia uma grande potência que poderia fazer um embate ideológico contra o sistema capitalista. Contudo, com a queda da União Soviética e a suposta “vitória” do capitalismo, entramos em um processo de exploração desenfreado. O capitalismo tardio, evidencia cada vez mais as contradições de seu próprio sistema. A manutenção da lógica de lucro, vem às custas da massa trabalhadora, que cada vez mais desgastada vê os seus direitos básicos sendo afanados, sua carga de trabalho aumentando, enquanto suas compensações apenas ficam congeladas. O que temos visto em nossa contemporaneidade são trabalhos atrelando o Anti-intelectualismo a: extrema direita,

chauvinismo, teorias da conspiração, reacionarismo. Especialmente ao fenômeno do fascismo. Que em tempos de crise do capital, em momentos em que a contradição do sistema e seu funcionamento entram em cheque, tende a ser a saída viável para a classe dominante estruturar a sua manutenção no poder. O Anti-intelectualismo, enquanto elemento cultural, é uma ferramenta de manutenção do poder através da dissimulação da verdade. Uma arma ideológica.

Isso não é uma questão exclusiva ao Brasil pós Bolsonaro, ou dos americanos pós Trump. Mesmo sendo um contexto diferente e agora com uma clara preferência pelo uso do Anti-intelectualismo pelas classes dominantes. O Anti-intelectualismo segue sendo um fenômeno multifacetário, da mesma forma que é descrito por Hofstadter (1966). Portanto, estudar o Anti-intelectualismo não é somente defini-lo enquanto uma classe de comportamento, com antecedentes e consequências. Estudar esse fenômeno requer uma abertura para a sua ambiguidade e, por vezes, requer uma análise que consiga abarcar elementos de disputa de poder e seja capaz de combatê-lo quando ele não é usado contra os interesses da classe trabalhadora.

Para programarmos nossa cultura, além de pensarmos quais contingências iremos elaborar, implementar e estabelecer, devemos sempre ter em mente as dinâmicas materiais de nosso tempo, vendo seu desempenho e função para com a manutenção da estrutura vigente.

## NOTAS DE RODAPÉ

1. His (Hofstadter) effort is to understand not only the social and psychological functions served by Anti-intellectualism, as well as the more obvious political ones, but also to appraise with some sympathy its populist ingredients
2. Religious Anti-rationalist , anti-elitist populist and the unreflective instrumentalist
3. Anti-intellectualism in our time
4. We have now reached a point at which intellectuals can discuss anti-intellectualism without exaggerated partisanship or self-pity
5. In 1952, only intellectuals seemed much disturbed by the specter of anti-intellectualism; In 1958, the idea that this could be a major and even dangerous national failure was persuasive to most thinking people. Today it is possible to look at the political culture of the 1950s with some distance. If there was then a tendency to see in McCarthyism, and even in the Eisenhower administration, some apocalypse for intellectuals in public life, this is no longer possible now that Washington is once again so hospitable to Harvard professors and former Rhodes scholars.
6. Anti-intellectualism was not manifested in this country for the first time during the 1950's. Our anti-intellectualism is, in fact, older than our national identity, and has a long historical background. An examination of this background suggests that regard for intellectuals in the United States has not moved steadily downward and has not gone into a sudden, recent decline, but is subject to cyclical fluctuations; it suggests, too, that the resentment from which the intellectual has suffered in our time is a manifestation not of a decline in his position but of his increasing prominence.
7. During that decade the term anti-intellectualism, only rarely heard before, became a familiar part of our national vocabulary of self-recrimination and intramural abuse
8. Anti-intellectualism," Schlesinger remarked, "has long been the anti-Semitism of the businessman.... The intellectual ... is on the run today in American society.
9. The political ferment and educational controversy of the 1950's made the term anti-intellectual a central epithet in American self-evaluation; it has slipped unobtrusively into our usage without much definition and is commonly used to describe a variety of unwelcome phenomena.
10. It would also be mistaken, as well as uncharitable, to imagine that the men and women who from time to time carry the banners of anti-intellectualism are of necessity committed to it as though it were a positive creed or a kind of principle. In fact, anti-intellectualism is usually the incidental consequence of some other intention, often some justifiable intention. Hardly anyone believes himself to be against thought and culture
11. In fact, anti-intellectualism is often characteristic of forces diametrically opposed to each other. Businessmen and labor leaders may have views of the intellectual class which are surprisingly similar.
12. anti-intellectualism has become, as I believe it has, a broadly diffused quality in our civilization, it has become so because it has often been linked to good, or at least defensible, causes.
13. Finally, in 1957, the launching of the Sputnik by the Soviets precipitated one of those periodic surges of self-conscious national reappraisal to which the American public is prone.
14. The Sputnik was more than a shock to American national vanity: it brought an immense amount of attention to bear on the consequences of anti-intellectualism

- in the school system and in American life at large. Suddenly the national distaste for intellect appeared to be not just a disgrace but a hazard to survival. After assuming for some years that its main concern with teachers was to examine them for disloyalty, the nation now began to worry about their low salaries.
15. During that decade the term anti-intellectualism, only rarely heard before, became a familiar part of our national vocabulary of self-recrimination and intramural abuse.
  16. Anti-intellectualism," Schlesinger remarked, "has long been the anti-Semitism of the businessman.... The intellectual ... is on the run today in American society.
  17. As an attitude (anti-intellectualism), it is not usually found in a pure form but in ambivalence—a pure and unalloyed dislike of intellect or intellectuals is uncommon.
  18. The common strain that binds together the attitudes and ideas which I call anti-intellectual is a resentment and suspicion of the life of the mind and of those who are considered to represent it; and a disposition constantly to minimize the value of that life.
  19. Finally, in 1957, the launching of the Sputnik by the Soviets precipitated one of those periodic surges of self-conscious national reappraisal to which the American public is prone. The Sputnik was more than a shock to American national vanity: it brought an immense amount of attention to bear on the consequences of anti-intellectualism in the school system and in American life at large.
  20. In 1952 only intellectuals seemed much disturbed by the specter of anti-intellectualism; by 1958 the idea that this might be an important and even a dangerous national failing was persuasive to most thinking people. Today it is possible to look at the political culture of the 1950's with some detachment. If there was then a tendency to see in McCarthyism, and even in the Eisenhower administration, some apocalypse for intellectuals in public life, it is no longer possible, now that Washington has again become so hospitable to Harvard professors and ex-Rhodes scholars.
  21. The spokesmen of anti-intellectualism are almost always devoted to some ideas, and much as they may hate the regnant intellectuals among their living contemporaries, they may be devotees of some intellectuals long dead—Adam Smith perhaps, or Thomas Aquinas, or John Calvin, or even Karl Marx.
  22. The Sputnik was more than a shock to American national vanity: it brought an immense amount of attention to bear on the consequences of anti-intellectualism in the school system and in American life at large. Suddenly the national distaste for intellect appeared to be not just a disgrace but a hazard to survival. After assuming for some years that its main concern with teachers was to examine them for disloyalty, the nation now began to worry about their low salaries.
  23. The political ferment and educational controversy of the 1950's made the term anti-intellectual a central epithet in American self-evaluation; it has slipped unobtrusively into our usage without much definition and is commonly used to describe a variety of unwelcome phenomena.
  24. It would also be mistaken, as well as uncharitable, to imagine that the men and women who from time to time carry the banners of anti-intellectualism are of necessity committed to it as though it were a positive creed or a kind of principle. In fact, anti-intellectualism is usually the incidental consequence of some other intention, often some justifiable intention. Hardly anyone believes himself to be against thought and culture

25. I am disposed to believe that anti-intellectualism, though it has its own universality, may be considered a part of our English cultural inheritance, and that it is notably strong in Anglo-American experience.

## REFERÊNCIAS

Araujo, V. M.; de Melo, C. M.; Haydu, V. B. Código penal brasileiro como descrição de prática cultural: Uma análise comportamental de contingências e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 11, n. 2, p. 1943, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v11i2.1943>.

Azoubel, M. S. Questões envolvidas no uso de tecnologias do ensino pela análise do comportamento. 2014.

Branch, M. N. Rate dependency, behavioral mechanisms, and behavioral pharmacology. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, v. 42, n. 3, p. 511-522, 1984.

(UFFS), Bruno Antonio Picoli; (IFPR), Samuel Mânica Radaelli; (UNOCHAPECO), Anderson Luiz Tedesco. ANTI-INTELECTUALISMO, NEOCONSERVADORISMO E REACIONARISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO E A PERSEGUIÇÃO AOS PROFESSORES. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 29, n. 58, p. 48-66, abr. 2020. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-70432020000200048&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000200048&lng=pt&nrm=iso). acessos em 27 maio 2024. Epub 15-Dez-2020. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n58.p48-66>.

Guerin, B. Behavior analysis and social psychology: A review of Lana's Assumptions of social psychology. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, v. 58, n. 3, p. 589, 1992.

Higham, J. Changing paradigms: The collapse of consensus history. *The Journal of American History*, v. 76, n. 2, p. 460-466, 1989.

Hofstadter, R. *Anti-intellectualism in American life* (Vol. 713). Vintage, 1966.

Marx, K.; Engels, F. *Manifesto comunista*. Boitempo Editorial, 2015. (Trabalho original publicado em 1948).

Martins, A. L. D. A. O Sistema Único de Saúde: contingências e metacontingências nas leis orgânicas da saúde. 2009.

Malavazzi, D. M.; Micheletto, N. Interpretação: um objetivo e um método da ciência de BF Skinner. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 37, 2021.

Riesman, D. [Review of *Anti-Intellectualism in American Life.*, by R. Hofstadter]. *American Sociological Review*, v. 28, n. 6, p. 1038-1040, 1963. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2090321>.

Rigney, D. Three kinds of anti-intellectualism: Rethinking Hofstadter. *Sociological Inquiry*, v. 61, n. 4, p. 434-451, 1991.

Rodrigues, M. E. A contribuição do Behaviorismo Radical para a formação de professores-Uma análise a partir das dissertações e teses no período de 1970 a 2002. 2005.

de Sá, C. P. JG Holland, contracontrole social e socialização do behaviorismo radical. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 18, p. 52-60, 2016.

Skinner, B. F. Ciência e comportamento humano. 2003.

Skinner, B. F. Tecnologia do ensino. Tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo: EPU, 1972. (Trabalho original publicado em 1968).

Todorov, J. C. BEHAVIORISMO E ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO<sup>1</sup>. 1982.

Todorov, J. C. O conceito de contingência tríplice na análise do comportamento humano. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 1, n. 1, p. 75-88, 1985.

Stanley, J. Como funciona o fascismo: A política do "nós" e "eles". L&PM Editores, 2018.

Ullman, J. Macrocontingencies and Institutions: A Behaviorological Analysis. Behavior and Social Issues, 2006.

Zilio, D.; Gonçalves, A. Desfazendo equívocos ultrapassados: Caminhos para estabelecer diálogos frutíferos entre Análise do Comportamento e Psicologia Social. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 24, p. 1-40, 2022.